



O ALQUIMISTA E A BRUXA

Celso Naves Esault
Thiago Camargo Conceição

Uma realização Enchendo Estantes

ESTE LIVRO É UMA REALIZAÇÃO DO SITE
ENCHENDO ESTANTES, AUXILIANDO O TRABALHO
DOS AUTORES: CELSO NAVES ESAULT JR. E THIAGO
CAMARGO CONCEIÇÃO.

TODOS NÓS ESPERAMOS QUE VOCÊ TENHA A
MELHOR EXPERIÊNCIA POSSÍVEL E ESPERAMOS
QUE ESSE LIVRO AJUDE VOCÊ A ENXERGAR UM
POUCO DE MAGIA EM NOSSO MUNDO.

O ALQUIMISTA E A BRUXA

Celso Naves Esault Jr.
&
Thiago Camargo Conceição

Copyright © 2018

Todos os direitos reservados.

ISBN: 9781973364849

Título: O Alquimista e A Bruxa

Autoria: Celso Naves Esault Jr. & Thiago Camargo Conceição

Revisão e Serviço Editorial: Lucas Alves Serjento

Capa: / More on Pixabay.com

Impresso em português (PT-BR) / Printed in Portuguese (PT-BR)

Published in: Kindle Direct Publishing

1ª Edição

São Paulo – 2019

O último esforço da razão é reconhecer que
existe uma infinidade de coisas que a
ultrapassam.

- Blaise Pascal

Nota:

Diálogos em português estão indicados por travessões (–).

Diálogos em inglês estão indicados por aspas ("").

Prólogo

O chão treme e Heitor sente seu instinto emitir um pedido de socorro. Com o rosto colado ao chão, ele sente a garganta travada e a inanição de seus membros. Entende, enfim, que perdeu o controle sobre si mesmo. Tenta retomá-lo, mas apenas uma coisa o comanda: O medo. Que sobe desde os dedos em seus pés, sinuosamente subindo por suas pernas, escalando as costas e terminando o trajeto ao arrepiar os pelos em sua nuca. O medo que mantém seus olhos arregalados e o corpo colado ao chão.

É com medo que ele vê a sombra à frente. Uma mancha negra que toma o corpo da garota e a faz levitar no ar. Que se espalha pelos braços alvos, cobre o tronco curvilíneo, esgueira pelos cantos do rosto redondo e se mistura aos cachos ruivos.

Heitor sente que o chão fica leve e o ar fica pesado. Que o dia parece noite e a vida se transforma em morte.

Com o corpo sobre o chão, ele sente algo que sai de suas entranhas e molha suas roupas. Sangue. Com as feridas que adquiriu, esse tanto era de se esperar.

- O ritual está completo.

E o que isso significa? Morte? E a garota de cabelos vermelhos? Qual é o destino que a aguarda?

Ele sente o salgado das lágrimas em sua boca. E pensar que prometeu a si mesmo que jamais sentiria uma dor assim.

Não há nada a fazer? Apenas desistir? Sentir a dor e admitir a derrota?

A sombra negra encobre os olhos azuis e a íris branca. Um ruído gutural se faz ouvir de lugar nenhum e de todo o lugar. Chegou a hora.

- O ritual está completo.

*

I.

Corra, filha do desespero. Corra!

Fuja para longe de mim.

Corra nessa esperança vã

De evitar o seu fim.

Corra sem parar,

Mas saiba de antemão

Que, mesmo correndo sempre,

Seu esforço será em vão.

É nosso destino batalhar

E nessa batalha eu lhe darei um fim.

Fuja, filha do desespero. Fuja!

Fuja para longe de mim.

Ano: 2007. Londres.

A noite é escura e cheia de segredos. Nela nascem novas vidas, histórias são alteradas, existências encontram seu fim. Em uma noite são feitos acordos, guerras são evitadas, acordos são desfeitos, guerras são iniciadas. Em uma noite três sombras correm de mãos dadas e almas atadas ao desespero. Três sombras: Duas de garotas e uma de mulher. Todas ocupadas com pensamentos no mesmo assunto: As pessoas que ficaram para trás. Sentem-se rendidas por um destino que nem a mais louca das mentes poderia ter previsto. Por que as coisas mudaram tanto? Como era possível? Tanta destruição. Tão rápido. Como?

Elas correm com todas as suas forças por mais tempo do que pensavam possível suportar, diminuindo o ritmo ao chegar em um bairro menos movimentado e parando em frente a um velho casarão. Nenhuma delas precisou abrir a boca para anunciar a chegada ao destino: A casa de um velho senhor e sua esposa.

Elas entram em silêncio, fazendo o melhor para evitar pensar na família, mas essa era uma missão impossível. Esse lugar carrega um clima nostálgico, cheio de lembranças de tempos melhores. Por isso, enquanto a mulher empurra a porta - que estivera entreaberta - devagar, escutando seu ranger agourento, elas sentem, além do cansaço físico, o psicológico, capaz de debilitar ainda mais que o primeiro.

A mais velha tenta impedir que as garotas passem pela porta, mas a natureza insubordinada de ambas não as permite ficar para trás. Na escuridão da noite, somente se distinguiam por causa de seus cabelos: O da mais nova destacava-se com um vermelho forte, comprido e cacheado, enquanto a outra ornava os próprios ombros com cabelos pouco mais curtos, de tom castanho-claro e aparência ondulada.

Uma vez dentro da casa, elas notaram, de imediato, o silêncio. Não que esperassem qualquer recepção, mas a opressão do escuro e da quietude produziu um leve arrepio, como um toque gelado repentino em suas costas.

Em algum lugar próximo, um relógio tiquetaqueava irritantemente alto. A garota ruiva engoliu em seco e apertou a mão da irmã. A mulher, andando à frente, acendeu as luzes da casa, em uma expedição cuidadosa, passando pela saleta de entrada, indo pelo corredor até a cozinha e depois para a sala. E, apesar de preparada para surpresas, não pôde conter o início de grito que lhe invadiu o peito antes de levar a mão à boca. Foi o bastante para deixar as garotas assustadas. Em poucos segundos elas chegaram à sala e compreenderam a causa da surpresa: Um sofá de três lugares, colocado em frente a um aparelho televisor. Sobre o sofá, um casal de idosos, com os corpos soltos e ligeiramente separados. Suas cabeças repousavam sobre o encosto. E seus estômagos, abertos, sangravam.

Um cheiro forte de lixo emanava do cômodo e invadiu as narinas das garotas. Quanto mais racionalizavam a

cena, pior ela ficava. Dos estômagos saía sangue e as feridas, abertas com grandes buracos, deixavam expostos e visíveis os órgãos internos mesmo da posição onde elas paralisam, estupefatas.

Cada uma tomou seu tempo para acalmar o interior em rebuliço. O silêncio, que antes dominava, agora reina absoluto.

A mulher se restabelece primeiro. Coloca sua mão sobre o ombro da garota de cabelos castanho-claros. Basta um olhar para que ela compreenda e pegue a mão da garota de cabelos vermelhos. Em tom fúnebre, elas se retiram do lugar sem trocar palavra.

Seus passos as guiam para o quarto dos idosos. A essa altura, estava tão silencioso quanto o restante da casa, mas, agora, uma aura estranha parecia encobrir tudo: desde a poeira nos móveis até o forro no teto. Essa aura, além de triste, as assusta, funcionando como um lembrete de que seu destino pode ser semelhante. Estava na hora de ir para um lugar diferente, distante o bastante para seguir um mandamento fundamental em guerras: saber quando lutar e quando recuar. De tudo o que aconteceu, uma das poucas certezas que têm é que toda a família está na mesma situação que os dois idosos na sala. Esse não é o momento para lutar. Precisam ganhar tempo retomar fôlego, esperar que as consequências surjam para os inimigos e, o mais importante: Trazer a última peça do quebra-cabeça para o seu lado. Sem ele, qualquer esforço significava lutar uma guerra perdida.

As garotas pacientemente assistem a mulher caminhar em direção à cama de casal, abaixar ao lado do móvel, mexer entre os tacos de madeira do chão e procurar um dos tradicionais esconderijos da família. Todas as suas casas possuíam um, como um segredo que apenas os familiares de sangue tinham conhecimento. Outros passavam por períodos de testes para que informações sigilosas não corressem risco de vazamento.

Após alguns instantes, a mulher encontrou o que procurava: Uma peça solta tacos no chão. Ao identifica-la, ela a levantou, revelando a fechadura d'um cofre. Uma combinação de seis dígitos estava escrita na palma da sua mão, quase apagada pelo suor. Ela digita os números com cuidado, com a calma que ainda conseguia reunir.

"Tia? Quem te contou a senha?" a garota de cabelos castanho-claros observava atentamente.

"A sua mãe. Esse cofre é dela, na verdade. Os meus tios permitiram que ela guardasse a nossa garantia aqui. Nem mesmo eles sabiam a senha. Ela me passou a combinação e pediu que fôssemos embora antes daquela... coisa invadir a casa dos nossos pais."

"Ela previu tudo, não é?" a garota de cabelos vermelhos embargou. Ela segurou a palma de sua mão fechada em frente ao seu peito, segurando um pingente em seu pescoço. "E teve que ficar para trás por causa disso."

A mulher e a outra garota se entreolham, hesitando. Elas próprias sentem dificuldade em assimilar tudo e

sabiam que a caçula teria ainda mais dificuldades em aceitar as informações que recebeu nos últimos meses. Mal teve tempo de entender o que era aquele pingente. Como uma garota tão gentil compreenderia o rastro de sangue daquele poder? Como ela entenderia os meios necessários para não o perder?

A menina mais velha sinalizou para que a tia as deixasse a sós, enquanto firmava seu olhar na irmã.

"Emily, me escuta." ela sentiu o corpo de sua irmã tremendo. "A mãe não ficou para trás para lutar pelas pedras, nem pelo poder delas. Ela ficou para nos proteger. As pessoas que atacaram nossa família virão atrás da gente e elas está ganhando tempo para ficarmos mais fortes. Para lutarmos por nós mesmas." sua voz embargou. "Ela sabia que suas forças não eram suficientes e resolveu que nós somos a melhor chance de nos protegermos."

As últimas palavras fizeram com que Emily piscasse mais forte, como se despertasse. Seus olhos iluminam e ela compreende um pouco da situação. Recuar não era a palavra. Temer também não. Revidar. Essa era a ação necessária. Por mais difícil que fosse, teria que fazer um esforço.

"Prontas?" a mulher fechou o cofre e se levantou, exibindo um documento com "PASSPORT" escrito na capa. Em sua outra mão estava uma pequena bolsa, com dois documentos semelhantes, vários rolos de dinheiro estrangeiro e uma corda segurando um molho de chaves.

Ao sinal positivo de cabeça das duas irmãs ela jogou o documento na bolsa e indicou a saída.

"Para onde vamos?" ao escutar a pergunta, a mulher ergueu três tickets.

"Sua mãe me disse para ir à nossa antiga casa. Então, acho que vamos deixar a Europa por algum tempo."

*

II.

O som de passos rápidos atravessa o espaço vazio de um saguão durante alguns segundos, parando de repente. Um vestido vermelho balança contra a silhueta de uma mulher e o farfalhar do tecido ressoa sobre um silêncio que ela não esperava encontrar. Seus olhos pretos e redondos estão abertos ao máximo; seus lábios de linhas finas e vermelhas permanecem abertos, carregando a respiração em um ciclo agitado. Os saltos dos sapatos incomodam, mas não se comparam ao incômodo do silêncio.

Ao parar, ela esperava encontrar um sinal de aproximação, por isso manteve os olhos fixos na porta. O saguão se estendia ao seu redor, espaçoso e elegante, esperando o início de uma festa, como aquelas preparadas por seus pais tantos anos antes, quando sua infância estava no auge, antes da primeira batalha. Quando as coisas eram diferentes. Dias de paz em um mundo distante.

Depois de parar um instante, a mulher endireita sua postura e inspira. Devagar, procura alguma calma. O cabelo vermelho e comprido que cai por suas costas e cobre os ombros, de quando em quando flutua, em um ritmo lento, balançando com a brisa que passa pelas janelas. Seu pescoço brilha com suor e um fio d'ouro

contorna sua pele, caindo em seu busto, suportando uma pedra hexagonal vermelha. Seu peito infla junto à respiração e o som de um passo quebra o silêncio.

“Cansou de se esconder?” Pergunta uma voz, das sombras do corredor. Na escuridão surgem duas chamas esféricas verdes.

“Quero tentar uma abordagem diferente.”

Com passos lentos, o corpo de um homem se coloca na luz, exibindo um sorriso maligno no rosto, os dentes à mostra. Seus lábios torcem e ele deixa o queixo quadrado à mostra. Seu porte é avantajado. Ele traja smoking e gravata borboleta, pronto para ir a um evento de alta classe. Seus passos são pesados, como se criasse raízes ao tocar o chão. Ele abre a boca e gargalha com tom gutural. O som ecoa.

A mulher olha em volta, procurando ajuda em vão.

“Vitória!” Ele chama. Ela o encara. “Você era a portadora da família?”

Ela fecha os punhos. Não pode permitir que o medo a domine. Manter a postura. Erguer a cabeça. Abrir a boca.

“Você também parece ser um portador.”

Os olhos verdes brilham. Ele leva a mão até a própria garganta e puxa, por trás da gravata borboleta, um fio velho e amarelado, onde está pendurada uma pedra hexagonal branca.

“Eu preciso da sua.” Ele aponta o colar que ela leva ao pescoço. “E das outras também.”

“Eu não te darei nada.”

Ele dá um passo à frente. Ela dá um passo atrás.

“Eu não preciso que me dê. Não se deixe enganar.” Ele abre os braços. “Ninguém vai aparecer. Sua família está aos pedaços. Eu sou a nova ordem. E você? Não passa de um pequeno empecilho.”

“Nenhuma das pessoas que você derrotou estavam com todas as forças.”

“Ah, você está falando que nenhuma delas tinha as pedras?” Ele avança outro passo. “Isso não me faz menos vitorioso. Ou está encontrando desculpas porque eu matei seu marido?”

O corpo dela enrijece. Ele dá outro passo.

“Matei seu irmão. Deixei uma irmã muito ferida. Provavelmente vai morrer durante a noite. Ah, não vamos esquecer que o primeiro alvo foi seu pai. Ele também não era um portador? Seu professor? O colar que estou usando era dele. Agora-”

“Cale a boca! Não fale do meu pai!” ela balança a cabeça. “Não fale dos meus irmãos! Não mencione o meu marido!”

“Por quê?” outro passo. “Seu marido não passava de um cachorro do seu pai. Seus irmãos eram iguais. E o seu pai... Não foi ele quem causou isso?”

Ela não responde.

“Eu criei uma pilha de corpos para chegar aqui e não foi porque seu pai era um homem bom.”

“Não me importa o conflito que você teve com meu pai. Mas você matou pessoas que não tinham qualquer envolvimento com o que ele fazia. Veio até mim, sabendo que não tive culpa do que ele fez. Você tentou-” ela se esforçou em continuar. “Minhas filhas-”

“Eu sei o que fiz. E o que vou fazer. Aliás, foi bom mencionar suas filhas. É delas que vou atrás em seguida. Ter mandado que fugissem foi uma boa escolha. Mas eu tenho certeza que, eventualmente, alguém dirá onde elas estão. Ainda em Londres? Não, você não as deixaria tão perto. Algum outro lugar na Europa? Ou você as despachou para a América? Talvez Ásia?”

Ela se esforça para não responder e manter o rosto impassível, incapaz de evitar o rebuliço em seu interior. Ele não quer informações. Seu interesse é a pedra. Não muda o fato de que vai atrás das garotas. Uma batalha é inevitável.

Um movimento de cabeça depois, ela consegue se concentrar. Ligeiramente recomposta, dá um passo

adiante. As linhas vermelhas de seus lábios abrem devagar.

“O que você pretende fazer se conseguir colocar as mãos em todas as pedras?”

Ele não sorri. Duas chamas verdes são olhos num rosto soturno.

“Na verdade, é bastante simples. Eu vou perseguir cada um que teve qualquer ligação com vocês. Vou caçar e matar qualquer pessoa que já teve relação com aquele velho. Então, quando ninguém souber que ele existiu...” Ele sorri de canto. “Não vamos nos adiantar. Não quero parecer convencido, planejando tão adiante.”

Seu tom é de riso, mas em seus olhos Vitória enxergou trevas. Profundas. Mesmo ela, com a experiência de toda uma vida protegendo a pedra, nunca viu algo parecido. Ele avança, confiante. Na mente dela, uma luz vermelha acende. Atacar. Ele irá atrás de suas filhas. Não importa quanto treinem, no momento em que ele chegar elas podem não conseguir pará-lo.

Um passo decidido à frente e um olhar que não exige palavras. Ele percebe a transformação no rosto dela. Alerta, inclina o corpo para frente e avança. Estava a dois metros quando estendeu sua mão para frente.

Vitória, com um passo calculado para a direita, desvia da palma da mão e estende sua canhota, num movimento fluido para cima. O homem, que esperou o resultado da

ação, sente algo sob seu sapato. Olha para baixo e percebe uma estaca de trinta centímetros de altura nascida do chão, perfurando o meio de seu pé.

Basta-lhe um segundo para entender o que ocorreu e puxar a perna para cima, livrando-se da estaca. Em seguida volta a caminhar, como se fosse incapaz de sentir dor.

“É isso o que você pode fazer? Criar matéria?”

Vitória disfarça sua surpresa com a capacidade dele em entender o ocorrido. De onde estava, teve a impressão de que a pedra vermelha, brilhando no peito dele, faz com que os olhos verdes também brilhem.

“Chega a ser poético que eu seja seu oponente. Porém, é uma pena. Eu pensava que você seria mais forte.”

Ela dá outro passo à frente e ele recua, prevendo novo ataque. Vitória sente seu corpo pedindo por descanso. As lutas começaram cedo e ela sente suas forças atingir o limite. Em outros tempos teria muito mais energia, mas não é esse o caso dos últimos anos.

“Parece fraca.” O homem usa o pé machucado para acertar a estaca e fazê-la se desfazer. De onde estava, Vitória enxerga o furo de alguns centímetros de diâmetro vazando o membro dele. “Escolheu ferir o ponto mais frágil do meu pé, na cartilagem. Se estivesse forte, teria feito isso no meu peito. E a distância parece ser outro problema para você.”

Ela corre na direção dele. Não pode lhe dar tempo para pensar. A um metro de distância, estendeu sua mão. Ele desvia e ela abre a própria palma. Surge ali um pequeno bastão de madeira, que ela usa quando consegue firmar o corpo. Ele estende a mão enquanto ela usa a força de ambos os braços para ter impulso o bastante para quebrar o bastão no ombro dele. Isso faz a postura dele se desfazer e sua mão se deslocar para outro ponto do corpo dela.

Vitória se indaga sobre a intenção dele, quando sente um desconforto em sua perna. Deixa o bastão cair e seu corpo tomba para a esquerda. Procura apoio e nota, então, que sua perna não está onde deveria. Seu corpo se choca contra o piso e ela percebe sua perna jogada para a direita, oposta ao seu corpo. Um segundo depois, vê seu joelho e percebe que parte deste não está mais ali. No lugar, há apenas sangue, ferida, carne exposta e o interior de uma perna à vista.

Um segundo depois a dor a atinge e Vitória não pode fazer mais do que gritar. Um grito de dor excruciante e da ciência do significado de tal ferimento.

Sangue sai de sua perna. Sua cabeça tomba para trás, mas seus olhos, em desespero, procuram a imagem do homem de olhos verdes em chamas.

Já não faz mais diferença economizar energia ou pensar em uma estratégia.

Vitória grita, sufoca a dor e estende a mão. Ele percebe que o ar se desloca e recua com velocidade. Sob os seus

pés, uma após outra, estacas brotam do chão, mas não o alcançam. Ela lamenta a impossibilidade de movimentar suas criações, tendo de criá-las onde pensava que o homem seguiria. A velocidade dele a impede de prever com precisão. Quando ele estende a mão, várias das estacas desaparecem após surgir na superfície.

Depois de alguns segundos, a visão dela enegrece. Suas forças arrefecem. O sentimento de derrota a abate conforme a falta de saída se torna iminente. Seu cérebro corre, mas não chega a uma solução.

Ele estende a mão. Não é necessário prever o que acontecerá, porque ela sabe que não poderá desviar. Vitória ergue a mão, mas sem forças. A dor do ferimento a distrai e impede que foque o pensamento.

Ele se aproxima antes que algo aconteça, mirando cuidadosamente o braço dela. Um instante depois, o seu cotovelo direito desaparece. Ela já não tem forças para gritar e tudo o que pode expelir em meio à dor são uns poucos sussurros agonizantes. Ele se aproxima e recolhe a metade solta de seu braço do chão, agora molhado pelo sangue que jorra da perna e do antebraço.

“Ah... Se os tempos fossem outros.” Algo salta de seu tom, como uma pequena brincadeira. “Ouvi dizer que você já foi a mais forte, mas que seu pai não limitou a sua utilização, não é? Agora você é uma fração do seu potencial. Não é ameaça para mim.”

Ela não responde. A mulher no chão sente seu corpo desfalecer. Não lamenta o passado que a trouxe até aqui. Em um último impulso, vira seu corpo para cima, encarando o homem de frente. Suas filhas estão longe. Ele ainda está aqui, ocupado com ela. Tudo vai ficar bem. Elas terão algum tempo. Podem escolher entre lutar ou não. Seria diferente de como foi com ela. Elas fugiram. Esse é seu único conforto. Pensar que, talvez, deu a elas algo que seu pai não quis lhe dar.

Agora, o que resta é encerrar. Ela olha para baixo, buscando o próprio corpo. Concluiu que estava uma bagunça. E pensar que um vestido tão lindo teve de se manchar com sangue...

Ele ainda fala, mas ela já não escuta. Algo sobre vingança e seu pai. Ela não tem tempo para esperar.

Então Vitória ergue sua mão e uma estaca de madeira surge no centro do estômago dele. Estupefato, ele olha para baixo e deixa os joelhos dobrarem, caindo de uma vez sobre o chão de pedra.

“Mas o qu-” ele gemia.

Ela sorriu, deixando o braço cair. Ele confiou demais em sua capacidade de previsão e, por causa disso, a subestimou por um instante. Apenas o bastante para uma jogada, antes do rosto dela virar, inerte, sobre o piso. Antes que um último suspiro saia por seus lábios vermelhos.

O homem levanta devagar depois de agarrar a estaca de madeira e fazê-la sumir. Levanta cambaleante, sem acreditar no que aconteceu. Devagar, aproxima-se de Vitória, sem acreditar, em um primeiro momento, que acabou. Porém, ao compreender que ela realmente não pode fazer mais nada, coloca a mão sobre a corrente de ouro e puxou-a de uma só vez. Escuta, então, um assobio às suas costas.

“Isso deve ter doído.” Os olhos verdes se voltam para a porta e veem um garoto encostado ao batente. O sangue está em toda a parte agora.

“Ela vai consertar isso para mim.”

“Talvez. Em outra ocasião eu pediria a ela que se livrasse de você. Mas você conseguiu a segunda pedra, então nossa aliança deve continuar por enquanto.”

O homem de olhos verdes cai de joelhos no chão.

“Ela está chegando.” Diz o garoto. “Mas você terá que aguentar um pouco.”

“Eu ainda tenho assuntos a tratar com essa família.”

“Nós sabemos. Não faríamos um acordo se achássemos que se satisfaria com facilidade. Agora me dê a pedra.”

“Eu pensei que essa seria dada à chefe.”

“Achou certo. Eu serei encarregado de outra, se necessário. Ainda assim, prefiro manter a pedra comigo enquanto ela não chega.”

“Não confia em mim?” o tom do homem é fraco. Ele sente seu corpo desfalecer aos poucos.

“Eu não confio em ninguém. Quero a pedra porque, do jeito que está, você não pode proteger nem a si mesmo agora. Eu estou em melhores condições.”

O silêncio reina por um momento, submerso na tensão dos homens que se encaram. Um silêncio que é cortado pelo som da pedra lançada na direção do garoto.

“Ainda falta uma parte do acordo antes do fim da minha participação.”

“Não se preocupe. Encontraremos as garotas e o plano seguirá como planejado. Você terá sua vingança e o nosso tempo chegará.”

*